

Este livro é o registro instantâneo de um movimento da Teoria dos Campos, particularmente, do momento no qual ela se debruça sobre o conceito de *clínica extensa*.

Na introdução, Fabio e Leda Herrmann balizam a direção dos trabalhos. No dizer de Leda, esta teoria nasce com a crítica que Fabio faz à Psicanálise existente nos fins dos anos sessenta, fragmentada em escolas, repetitiva e distante da criação e da descoberta. A autora assinala que o ponto de partida pode ser situado com uma constatação: “a terapia analítica é eficaz, seja qual for a orientação teórica do analista”; e uma pergunta: “se sua eficácia não depende da teoria que orienta o analista, por que funciona a análise?” A resposta da teoria dos campos aponta para um refinamento da distinção entre método e técnica. A análise funcionaria pela essência de seu método. Do lado da técnica teríamos, segundo estes autores, a livre associação, a atenção flutuante, a interpretação transferencial, a neutralidade. O método, por sua vez, se caracterizaria pelos conceitos metodológicos que a teoria dos campos vem desenvolvendo, dos quais Leda Herrmann enumera os fundamentais: campo, inconsciente relativo, ruptura de campo, expectativa de trânsito, sistema campo/relação, campo psicanalítico, vórtice, matriz interna produtora de emoções e finalmente a hipótese metodológico-ontológica.

“Olá, como vai? Eu vou indo, e você, tudo bem?”

Resenha de Leda Maria Codeço Barone (org.),
A Psicanálise e a clínica extensa, São Paulo,
Casa do Psicólogo, 2005, 460 p.

De todos esses conceitos, mais central, ao meu ver, e o mais citado como tal pelos autores dos diversos artigos deste livro, é o conceito de *campo e ruptura de campo*. “Por campo havemos de entender o conjunto de determinações inaparentes que dotam de sentido qualquer relação humana, da qual a comunicação verbal é tão só o paradigma” (p. 36). Já a “ruptura de campo dá-se na impossibilidade de representação nesse instante lógico, dá-se no vazio representacional, seguido pela reestruturação de representações em outro campo, o qual origina novas relações e auto-representações” (p. 37).

O livro não comenta as relações da Teoria dos Campos com outros conceitos semelhantes de outras linhas psicanalíticas atuais, nem tampouco o que hoje a diferencia dessas outras linhas. Penso que isso acontece porque não é o propósito do livro tal discussão e sim a sua articulação com a *clínica extensa*.

Fábio Herrmann caracteriza sua maneira de entender a *clínica extensa* não só como a da prática psicanalítica fora dos *settings* dos consultórios privados, mas também como a recuperação de um patrimônio já existente em Freud e que foi em parte abandonado. Recuperação tripla a partir do olhar que é sempre clínico: primeiro, de uma concepção crítica da cultura e da sociedade; segundo, da articulação de mão dupla com a literatura e as artes; terceiro, da integração no reino das ciências. Para a execução desta tarefa, Fábio Herrmann considera que é necessário superar a sobreposição sem distinção entre método e técnica. Sobretudo se ela for a técnica padrão, considerada por ele como a lei reduzida à sua forma morta, puro ritual vazio.

O autor está se referindo à redução da clínica aos consultórios privados, mas não só. Aqui ele está considerando as interpretações e considerações estereotipadas que não atingem o objetivo de produzir novos conhecimentos e mudança; só se reproduzem para se perpetuar a si mesmas.

Marilsa Taffarel aprofunda a reflexão dessas questões ao situar o pensamento do que Fábio Herrmann denominou *alta teoria*. Enfatiza a questão da conexão entre teoria e prática. Afirmar a necessidade de a teoria não se degradar em *mera alucinação* e de se abandonar as categorias que organizam o nosso pensamento como condição para restaurar a visibilidade das coisas.

Trata-se de um necessário recuo no plano da teorização e da práxis para dar lugar ao vazio e à angústia de estar em *transito para*. Seria um tempo pré-teórico, de prototeoria, semelhante ao paradigma onírico com a sua capacidade de desarticulação das categorias do pensamento racional. Esta proposta estaria em harmonia com a proposta de escuta orientada para a ruptura de campo.

Fábio Herrmann chama a atenção para algumas sugestões de *clínica extensa* que não são diferenciadas pela sua situação de *dentro* ou *fora* do consultório privado. Ele aponta para os sonhos e para o problema das novas psicopatologias contemporâneas.

Quanto aos sonhos, sente falta de que os psicanalistas continuem o que Freud iniciou com a sua auto-análise, isto é, o relato e o trabalho dos próprios sonhos. Um desafio e tanto, mesmo para Freud depois da década de dez. Na Revista *Percurso* número 35 no artigo “Um sonho de Isaías”¹ encontramos um relato de recente experiência deste tipo.

Sobre as novas psicopatologias contemporâneas, afirma que a teoria psicopatológica chegou a um ponto crítico e sugere que seria melhor formular uma nova psicopatologia mais distinta das classificações psiquiátricas, do que distinguir novas psicopatologias.

A apresentação do livro, feita pelos organizadores, traz uma bem dosada síntese de todos os trabalhos do livro, dividindo-os em sete capítulos, nesta ordem: **1)** Cultura e Psicanálise; **2)** Literatura e Psicanálise; **3)** Vida blindada; **4)** Consultório do analista; **5)** Teoria dos campos e análise de crianças; **6)** *A clínica extensa*; e **7)** Trabalhos premiados. Nos capítulos, são apresentados de dois a seis artigos, perfazendo vinte e nove artigos de autores diferentes. Na maioria, um artigo comenta os outros daquele tema, o que apenas não acontece nos capítulos: “Consultório do analista”, “*A clínica extensa*” e “Trabalhos premiados”. Os dois últimos não comportam artigos de comentadores, mas no primeiro caberia.

Organizei a resenha comentando um artigo de cada um dos seis capítulos. Inseri alguns comentários sobre o capítulo 6. “A clínica extensa”, junto com a introdução de Fabio e Leda Herrmann. O critério de escolha foi o mais pessoal possível, isto é, detive-me naqueles que, por um motivo ou outro, tocaram-me na leitura.

Camila Gonçalves, em “Prospecção da caverna” destaca a contribuição específica da teoria dos campos para o tema da relação entre Psicanálise e cultura. Para isso, retoma os conceitos de *real* e *realidade compartilhada*, a partir da realidade de uma ficção, o romance de Saramago intitulado *A Caverna*. Ao delinear os campos identificados na história de Saramago, a autora se auxilia na sua análise de contrapontos com a idéia central de *A Sociedade do Espetáculo*, de Debord, sintetizados na frase: “o que aparece é bom, o que é bom aparece”. Para Camila Gonçalves, Saramago não traz o oposto de Debord, mas a ausência, o indivíduo à deriva, estagnado na superfície aparental, repetitiva e rotineira. Chama de *campo imperativo de espera* a esta realidade. Mais adiante, conclui que o importante é a hipótese de que há uma lógica que ordena o processo de criação de representações, a lógica de concepção, embora não se

possa localizá-la ou indicá-la, pois considera que esta supressão é parte essencial da cultura e o que pode ser desvelado é o desejo. Exemplifica o processo se perguntando como na trama do romance se sustenta a *normalidade*. As falhas na superfície desta realidade / normalidade indicam a provável ruptura do campo imperativo de espera.

No capítulo Literatura e Psicanálise, Camila Sampaio apresenta “Conjugações entre Psicanálise e literatura”. Neste ensaio, aponta para uma relação entre os diferentes momentos em que a obra freudiana convive com o literário e as formulações a respeito das relações do eu com o outro, em *Psicologia das Massas e Análise do Eu*, de 1921. A idéia central é que, na obra freudiana, a literatura figuraria *como um outro* para a Psicanálise, chegando a preencher uma ou outra das quatro posições formuladas por Freud: o outro como modelo, como objeto, como auxiliar e como rival.

A autora percorre as situações concretas em que Freud recorre à interlocução com os escritores, assinalando as diversas posições possíveis desta articulação com o outro da Psicanálise. No caso Elisabeth, Freud toma a literatura como modelo de sua narrativa, afirmando que assim a natureza de seu objeto de estudo melhor se apresentaria, do que por meio do modelo da clínica médica. Já em *Gradiva*, *O homem da areia*, ou *Rebecca*, Freud tomaria a literatura como objeto, como ilustração, para reconhecer e revelar o funcionamento psíquico. Na abordagem do outro como auxiliar, Camila Sampaio coloca a própria tragédia de Sófocles, inspiração fundamental para a concepção do complexo de Édipo. Já a posição de rival é apresentada de maneira menos específica sem um determinado evento concreto, mas somente pela marcada diferença de objetivos e de métodos, ainda que ambas as posições apresentem resultados concordantes, no que diz respeito à apresentação da alma humana, como lugar de verdade, desvelamento e criação de sentido.

Na última parte de seu ensaio, a autora ainda discute o entendimento que hoje podemos ter acerca do que a literatura oferece. Apoiada em idéias de Barthes, Calvino e Ana Carvalho, delinea três linhas de raciocínio.

Primeiro, a da eficácia psíquica da ficção como verdade, possibilitando uma abertura para o mundo dos possíveis, isto é, para um outro mundo que não é, mas que poderia ser, no sentido crítico. Segundo, a de que a literatura tem o poder de trapacear a língua, ouvir a língua fora do poder, numa revolução criadora permanente. E, por último, a partir de um paralelo entre a literatura e a Psicanálise, em relação à prospecção para o futuro: qual será a sua função no século XXI? Responde a esta pergunta junto com Calvino, ao afirmar que a tendência do mundo é para a massificação e homogeneização, apesar de uma diversidade inacreditável, que hoje tende a ser reduzida à multiplicação de imagens sem significado. Caberia tanto à literatura quanto à Psicanálise, cada uma com seu específico método, a ruptura deste campo prevalente, produzindo uma brecha nos sentidos fixos, favorecendo o surgimento do novo.

A violência e os impasses da contemporaneidade constituem o fio condutor do capítulo "Vida Blindada". Tânia Vaisberg nos traz o ensaio "Jardins, varandas e quintais: o desaparecimento dos espaços transicionais" à luz da

teoria dos campos. Desaparecimento de jardins e dificuldades com o sono, aspectos aparentemente tão dispares, aparecem relacionados neste estudo. A autora se utiliza da metodologia da teoria dos campos e do pensamento winnicottiano, especialmente das noções de agonias impensáveis, estados calmos e excitados do bebê e espaços transicionais. Ela salienta a distinção entre teoria e técnica afirmando que diversas ciências humanas correspondem a diferentes metodologias e que, portanto, qualquer fenômeno humano pode ser abordado pela Psicanálise.

Lança mão de lembranças próprias e registradas em álbuns, dentre elas, algumas dos anos cinqüenta, onde se vê menina nos jardins em volta de sua casa. Em outra, já na década de setenta, aparece como mãe nesses mesmos jardins. A autora contrasta a experiência com a visita atual a esses espaços. O choque, previsível para todos, é grande. A vida blindada é realçada através de grades, portões de ferro, guaritas e tudo o mais que é visto hoje. Brincadeiras de criança desaparecem. Prevalece o campo do medo, que se sobrepõe ao que antes eram espaços de relaxamento e brincadeira. Novos personagens, desse campo do medo, são os meninos de rua. Eles vêm da periferia para ver se conseguem ganhar algum

dinheiro e a maioria passa a viver na rua. A autora observa alguns momentos nos quais eles expressam sua percepção de que são sempre estrangeiros, mal recebidos, quando não são invisíveis aos olhos dos outros moradores deste novo espaço. Campo de medo e de exclusão social. Tânia Vaisberg, acompanhada de Barus-Michel (1991), aponta para o caráter canibalesco deste campo, onde o outro não é visto como semelhante e é continuamente consumido. Nesse campo de medo, exclusão social e canibalismo, a autora aponta que assim não há possibilidade de estados calmos, e como o constante alerta impede o relaxamento e o sonhar.

No capítulo "Consultório do analista", Benardo Tanis escreve "Solidão: clínica e cultura". Trata-se de uma síntese de sua tese de doutorado, publicada em livro e já resenhada na Revista *Percurso* número 34² por Nelson Coelho Junior.

O autor tece os conceitos entrecruzando literatura, cinema e Psicanálise. Psicanálise e literatura ou cinema são utilizados nas concepções que Camila Sampaio propõe acima, como modelo e como objeto, pois se trata de um ca-

minho para a formulação de questões psicanalíticas, onde o material ficcional se mistura com narrativas clínicas disparando reflexões metapsicológicas. Duas teses são centrais: a primeira, sobre a subjetivação na modernidade e os modos particulares das vivências de solidão na clínica; e a segunda, a respeito da polissemia da solidão, que veio gerar a metáfora de *circuitos da solidão*. É nas relações entre narcisismo e objeto, com o conceito que Green formulou de *objeto-trauma*, que se inicia a *reflexão dinâmica*. A solidão do narcisismo é perturbada pela presença dos objetos, ao mesmo tempo internos e externos, ao mesmo tempo situados na realidade e na fantasia, carregados com toda a energética pulsional a partir do interior e necessitando de um trabalho para ir até o objeto. Por isso, este é desejado e indesejado, amado e odiado. Visando caracterizar este *circuito da solidão*, configuram-se algumas linhas distintas. A primeira, é a da relação com a separação e a diferenciação. A segunda, a de suas relações com o narcisismo fundante do eu. Aqui, a procura do outro faz-se para fugir da própria onipotência mortífera. A terceira, a do modo pelo qual a solidão desencadeia uma desorganização do eu, quando a ausência de um outro significativo cria um vazio provocando diversas alterações de consciência, desorganizações espaço-temporais e alucinações. A quarta,

